

# ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 15 – N. 01 ISSN 2179 – 3441

---

## Nietzsche na imprensa brasileira do século XIX: sobre as interpretações e os autores de “O neo-cinismo” (1893) e “A filosofia na moda” (1896)\*

*Nietzsche in the Brazilian press of the 19th century:  
on the interpretations and authors of “O neo-cinismo” (1893) and “A  
filosofia na moda” (1896)*

Luís Rubira 

Doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor Associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pelotas, RS, Brasil. Contato: [luisrubira.filosofia@gmail.com](mailto:luisrubira.filosofia@gmail.com)

### Resumo:

Dentre os primeiros artigos sobre a filosofia de Nietzsche publicados na imprensa brasileira – conhecidos até o presente momento – estão “O neo-cinismo” (*Gazeta de Notícias*, RJ, 20/05/1893) e “A filosofia na moda: Frederic Nietzsche” (*Jornal do Comércio*, RJ, 04/09/1896), o primeiro assinado por “Julio Erasmo” e o segundo pelo “Dr. Ernst”. O presente ensaio visa inicialmente mostrar, por meio de uma investigação do conteúdo de tais artigos, as fontes que serviram de base para a elaboração dos mesmos, para, em seguida, explorar hipóteses acerca da identidade dos autores que realizaram uma interpretação do pensamento do filósofo no período em que ele ainda vivia na Alemanha.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Imprensa brasileira. Século XIX. Fontes. Intérpretes.

**Abstract:** Among the first articles on Nietzsche's philosophy published in the Brazilian press – known to date – are “O neo-cinismo” (*Gazeta de Notícias*, RJ, 20/05/1893) and “A filosofia na moda: Frederic Nietzsche” (*Jornal do Comércio*, RJ, 04/09/1896), the first signed by “Julio Erasmo” and the second by “Dr. Ernst”. This essay initially aims to show, through an investigation of the content of these articles, the sources that served as a basis for their elaboration, and then to explore hypotheses about the identity of the authors who performed an interpretation of the philosopher's thought during the period in which he still lived in Germany.

**Keywords:** Nietzsche. Brazilian press. 19th century. Sources. Interpreters.

---

\* Agradeço à Fundação Biblioteca Nacional pelo acervo de periódicos disponibilizados na Biblioteca Nacional Digital.

Estampado na capa da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em maio de 1893, “O neo-cinismo” é considerado, até o presente momento, como o primeiro artigo sobre a filosofia de Nietzsche publicado no Brasil.<sup>1</sup> Todavia, apesar de sua importância para os estudos de recepção do filósofo em nosso país,<sup>2</sup> os quais identificam uma primeira menção ao nome de Nietzsche já em 1876,<sup>3</sup> não houve ainda uma investigação adequada de seu conteúdo nem esforços plausíveis para descobrir seu autor – que assinou o texto como “Julio Erasmo”. O mesmo ocorre em relação ao artigo “A filosofia na moda: Frederic Nietzsche”, publicado em 1896 no *Jornal do Comércio*, periódico também sediado na capital do país, no qual o autor escrevia com certa regularidade a coluna “Carta da Alemanha” – identificando-se como “Dr. Ernst”.<sup>4</sup>

No que diz respeito ao texto “O neo-cinismo”, seu conteúdo não possui nada de autoral ou original. Embora seu autor tenha registrado que foi um “excelente estudo crítico que nos guiou”, o qual permitiu apresentar “em delineamentos gerais as teorias de Nietzsche” (ERASMO, 1893b), trata-se, em larga medida, de uma tradução de trechos de dois artigos publicados nos meses de março e abril de 1893, na França, por Jean Bourdeau, a saber: “Nouvelles modes en philosophie: Max

<sup>1</sup> A existência de diversos artigos sobre a filosofia de Nietzsche publicados na imprensa brasileira a partir do final do século XIX, entre os quais “O néo-cynismo” (aqui em sua grafia original), veio à luz por meio do texto “Um alemão devorado por tupiniquins: a recepção do pensamento nietzschiano no Brasil”, de autoria de Antonio Vinícius Lomeu Teixeira Barroso, publicado no ano de 2014 (Cf. *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas*. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014). No ano seguinte, o artigo “O neo-cinismo”, transcrito por Geraldo Dias, foi publicado nos *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, v. 36, n. 1, 2015, pp. 103-106. Posteriormente, Geraldo Dias fez correções em sua transcrição desse artigo, reeditando-o em: *A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo*. Tese de Doutorado sob orientação de Ivo da Silva Jr. São Paulo: UNIFESP, 2019, pp. 268-270.

<sup>2</sup> A pesquisa acadêmica sistemática sobre a “recepção de Nietzsche no Brasil” tem seu início com Antonio Vinícius Lomeu Teixeira Barroso, estudioso que em 2013 deu início a uma Dissertação de Mestrado sob orientação do professor José Nicolao Julião. O tema dessa pesquisa foi inicialmente publicado sob a forma de artigo no mesmo ano em que teve início o mestrado (Cf. BARROSO, A. V. L. T. “Um Nietzsche à brasileira: intelectuais receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940)”. In: *Revista de Teoria da História*, Ano 5, n. 9, Julho de 2013, pp. 178-196).

<sup>3</sup> Num artigo no qual busca defender-se de uma “sentença condenatória” direcionada à sua obra *Ensaios e Estudos de Filosofia e Crítica*, Tobias Barreto em determinado momento menciona o nome de Nietzsche (Cf. “Nem filósofo nem crítico”, *A Província – Órgão do Partido Liberal*, PE, Recife, 10/03/1876, pp. 2-3). O significado de tal menção no âmbito dos estudos de recepção de Nietzsche no Brasil (não é, portanto, um artigo dedicado a explorar as obras do pensador alemão) será amplamente investigado por Tiago Lemes Pantuzzi em duas pesquisas, a saber: *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife*. Dissertação de Mestrado sob orientação de Scarlett Marton. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016; e *Recepção e Antropofagia: Nietzsche na Escola de Recife*. Tese de Doutorado sob orientação de Ivo da Silva Júnior e coorientação de Vânia Dutra de Azeredo. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2023.

<sup>4</sup> A primeira transcrição de parte desse artigo pode ser encontrada em: DIAS, 2019, pp. 270-275. A versão original completa (ou seja, aquela que possui 17 parágrafos a mais) encontra-se disponível online na Biblioteca Nacional Digital. Neste sentido, ver: *Jornal do Commercio*, RJ, 04/09/1896, capa.

Stirner et Frédéric Nietzsche” (*Journal des Débats – Politiques et Littéraires*, Paris, 16/03/1893, pp. 1-2) e “Nouvelles modes en philosophie: le néo-cynisme aristocratique – Frédéric Nietzsche” (20/04/1893, pp. 1-2). Estudioso da língua e da filosofia alemã, Jean Bourdeau havia publicado traduções de Schopenhauer e Heine,<sup>5</sup> além de já escrever periodicamente no *Journal des Débats*, quando recebeu uma carta de Nietzsche em dezembro de 1888 – carta na qual o filósofo lhe pedia para traduzir o *Crepúsculo dos ídolos* para a língua francesa.<sup>6</sup> Embora respondendo a Nietzsche no dia 27 de dezembro de 1888, a troca de correspondência entre ambos seria interrompida devido ao colapso psíquico de Nietzsche no início de janeiro de 1889.

Dedicando-se posteriormente à leitura das obras do filósofo alemão, bem como de alguns de seus intérpretes (em particular ao recente estudo de Robert Schellwien: *Max Stirner und Friedrich Nietzsche*. Leipzig: H. Haacke, 1892), Jean Bourdeau termina por elaborar em 1893 uma crítica radical aos “dois alemães, Max Stirner e Friedrich Nietzsche” que estariam em voga na “Europa e na América, em pequenos círculos de iniciados” (BOURDEAU, 1893a, p. 1). No seu modo de entender, “Stirner e Nietzsche se distinguem dos demais filósofos porque fazem a sabedoria encontrar consistência na imoralidade presente”, algo que explicaria por que os “neo-cínicos se proclamam imoralistas” (BOURDEAU, 1893a, p. 1). Por julgar que o pensamento de Nietzsche encontra seu fundamento no de Max Stirner, Jean Bourdeau então anuncia que “para explicar Nietzsche, sobre o qual falaremos num próximo artigo, nós precisamos primeiramente tratar de Stirner” (BOURDEAU, 1893a, p. 1), razão pela qual ele irá dedicar o texto de março de 1893 a explicar o pensamento do autor de *O único e sua propriedade*.<sup>7</sup>

No mês seguinte, conforme prometera, Jean Bourdeau publica seu segundo artigo, “O neo-cinismo aristocrático – Frédéric Nietzsche”, no qual inicia pela tese de que o pensador alemão refletiu à “golpes de martelo” para “destruir os ídolos” de modo a tornar-se ele mesmo um ídolo. E na sequência do texto: dedica-se a fazer uma reconstrução de aspectos da vida e da formação de Nietzsche; levanta hipóteses psicológicas sobre sua “loucura”; julga aspectos de sua personalidade; analisa suas ideias – sobretudo com foco na “tese aristocrática” do filósofo, a partir da qual derivariam duas morais (a nobre e a escrava); explora sua aversão pelo cristianismo e pelo estado democrático, bem como sua concepção acerca das

---

<sup>5</sup> Cf. SCHOPENHAUER, Arthur. *Pensées, maximes et fragments*. Traduit, annoté et précédé d'une vie de Schopenhauer par J. Bourdeau. Paris: Librairie Germer-Baillière, 1880 (obra que receberá diversas reedições, com modificações e acréscimos); HEINE, Heinrich. *Mémoires de Henri Heine*. Traduction de J. Bourdeau. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1884.

<sup>6</sup> Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *Carta a Jean Bourdeau* [Rascunho, por volta de 17 de dezembro de 1888], KSB 8.1196.

<sup>7</sup> STIRNER, Max. *Der Einzige und sein Eigentum*. Leipzig: Verlag von Otto Wigand, 1845.

mulheres; aborda seu desprezo por determinados filósofos e sua filiação a outros; tematiza a esperança de Nietzsche no *Übermensch*; faz reflexões sobre o *Zarathustra*, de modo a mostrar que o personagem nietzschiano renovaria o cinismo dos “antigos cínicos da Grécia”; defende que as teses de Nietzsche teriam por base o pensamento de Renan, enfatizando que houve uma modificação da concepção de individualismo para a de egoísmo; e por fim conclui que Nietzsche não é um filósofo, mas “um psicólogo, um sonhador que faz pensar, mas que vos conduz de tal modo sobre perigosos cumes, à borda de precipícios, que causa vertigem, e depois de tê-lo lido não encontramos mais as escadas para descer até à vida” (BOURDEAU, 1893b, p. 2).<sup>8</sup>

É justamente esse segundo artigo (publicado em abril de 1893), no qual Jean Bourdeau desenvolve de modo argumentativo suas teses, incluindo algumas citações de Nietzsche, que fornecerá o conteúdo para a publicação no Brasil (em maio de 1893) do texto “O neo-cinismo”. Excetuando-se o primeiro parágrafo (cujo conteúdo é uma síntese do início do primeiro artigo de Jean Bourdeau), o texto veiculado no Rio de Janeiro é praticamente uma tradução literal de determinados trechos do artigo sobre Nietzsche publicado em Paris, tal como é possível verificar nos seguintes exemplos:

Né en 1844 [...]. Sa folie fût-elle purement accidentelle, une suite d’excès de travail, d’abus de narcotiques, de la musique [...].

Nascido em 1844, esteve já doido varrido, tendo sido a sua loucura devida ao abuso dos narcóticos e dizem também da música, e à exageração de trabalho mental.

[...] il divise l’humanité en deux races, séparés par un abîme. D’une part, une minuscule elite, les *Nobles* [...]. Nietzsche emploie le mot Noble au sens primitif: ce sont les hommes de volonté, d’action, les individualistes, les ambitieux qui se sentent nés pour commander, dominer, créer. – L’autre race comprend l’imense plèbe moutonnaire, l’innombrable troupeau de bêtes des sommes, les esclaves du préjugés [...].

Divide ele a humanidade em duas raças, separadas por um abismo, os *nobres* e a *plebe*; e por nobres entende os homens de valor e iniciativa, os individualistas, os ambiciosos, ávidos de mando e de poder, os que buscam impor-se a todo o transe e quaisquer que sejam os meios. Encerra a *plebe* a gente acarneirada, os animais de carga, as bestas de montaria, escravos dos preconceitos [...].

[...] tout ce qu’il y a de grand dans le monde ne s’est accompli que par les hommes d’exception, par les nobles, tout ce qu’il y a de servile et de bas

<sup>8</sup> O primeiro e o segundo artigos de Jean Bourdeau, publicados no periódico francês, serão posteriormente reunidos e ampliados, transformando-se no capítulo “Frédéric Nietzsche: la religion de la force” (Cf. BOURDEAU, 1904, pp. 108-146).

s'exécute quand les esclaves dominant, et c'est le cas de la démocratie, où le nombre écrase l'élite, où les lions sont opprimés par les lièvres.

Tudo quanto no mundo se há feito de grande e belo, é devido aos homens de exceção, aos *nobres*; tudo que existe baixo, servil, incompleto e feio, provém das democracias, quando o número abafa a preeminência e os lobos governam os leões.

Nietzsche a le culte de César, genie d'organization et de la guerre [...]. L'exemple de Napoléon, plus fort que tout un peuple, prouve à quel point les foules s'attachent aux hommes qui savent commander.

Concentra-se o ideal de Nietzsche em Cesar, gênio organizador por excelência. Napoleão dá exemplo edificante do quanto as massas populares adoram quem as subjuga e calque aos pés.

[...] l'homme d'exception doit se prémunir contre la tyrannie de la femme, l'éternelle Dalila.

Principal cuidado do homem superior – prevenir-se contra a mulher, a eterna Dalila. (BOURDEAU, 1893b / ERASMO 1893b, c).

Todavia, embora o texto publicado no Brasil consista numa tradução, nele houve adaptação de algumas frases e modificação de determinadas palavras – tal como é o caso “lebres” (*lièvres*) por “lobos” –, bem como erros de tradução e transcrição do texto, dificultando o entendimento para o leitor brasileiro, como nos trechos a seguir:

Nous ne pouvons être sauvés qui si une nouvelle noblesse parvient à se former, une race de maîtres, que si reproche du type de l'*Uebermensch*, c'est-à-dire du *surhomme*.

Só o *sobrehomem*, o tipo dos *übermensch*, produto de rigorosa seleção, pode salvar-nos de irremediável decadência e nojenta degradação.

Et dans le plus étrange de ses livres, sorte d' « évangile pour hommes d'exception », de « Bible de Titans », Nietzsche, sous le traites du dieu Zarathoustra, nous initie à loi des forts: n'épargne pas ton Voisin... Gare-toi de l'homme bon [...] Sois dur, dur comme le diamante [...]. Sache que rien n'est vrai et que tout est permis, hormis la faiblesse, qu'elle s'appelle vice ou vertu...

[...] escreveu Nietzsche a *Bíblia dos Titãs*, em que se afirmam princípios destes: “Não poupes a teu vizinho. Foge do homem bom. Sê duro, inflexível, como o diamante. Tudo te é permitido, menos a fraqueza, chame-se ela vício ou virtude”.

Ou seja, enquanto no texto em francês Jean Bourdeau remete ao termo alemão *Übermensch* e em seguida o traduz para a língua francesa como *surhomme*, o tradutor brasileiro não compreende o significado da palavra alemã e cria uma

redundância entre “sobrehomem” e *Übermensch*. Mas mais grave, porém, é o fato de dar a entender ao leitor brasileiro que Nietzsche haveria escrito uma obra chamada *Bíblia de Titãs* (que Jean Bourdeau tem o cuidado de colocar entre aspas, para se referir ao *Zarathustra*), e de colocar entre aspas justamente aquilo que não era para estar sob este sinal, a saber: o trecho do texto de Jean Bourdeau no qual ele faz uma livre-interpretação do *Zarathustra* (e não uma citação direta dessa obra). Por fim, à diferença do ensaísta francês (recentemente ele havia escrito sobre o socialismo alemão e o niilismo russo),<sup>9</sup> que termina seu artigo com uma perspectiva psicológica de Nietzsche, o autor brasileiro concluiu o seu por meio de uma abordagem na qual sai em defesa da moral:

Fácil é, aliás, a plena refutação e vitoriosa contradita de todas aquelas asseverações deprimentes e perturbadoras da ordem moral, tão inflexível em suas leis e regras como as admiráveis normas que regem o mundo físico, a natureza terráquea e o estupendo movimento celeste dos planetas e das estrelas (ERASMO, 1893b).

Mas quem seria esse autor brasileiro que: 1) Teve acesso aos dois artigos publicados em um jornal francês, em particular ao “néo-cynisme aristocratique – Frédéric Nietzsche”; 2) Interessou-se por divulgar em nosso país dois pensadores alemães que estariam “na moda”, dando ênfase a Nietzsche; 3) Dominava a língua francesa para selecionar e traduzir excertos do artigo original; 4) Conseguiu publicar seu texto na capa da *Gazeta de Notícias*, um dos mais importantes jornais do Rio de Janeiro, no sábado de 20/05/1893 (ou seja: um mês após o surgimento do artigo original num periódico de Paris)? Tais questões podem também ser resumidas apenas em uma: quem, capacitado para tal tarefa, assinou o texto sob o pseudônimo de “Julio Erasmo”?

Se defendemos que o autor do texto utilizou um pseudônimo é porque, até onde conseguimos investigar nos jornais brasileiros do século XIX, não existe outra publicação que leve a assinatura de “Julio Erasmo”. E ainda que tenha sido o único texto publicado por um desconhecido autor, dificilmente alguém que não escrevesse com certa regularidade para o meio jornalístico conseguiria publicá-lo na capa da *Gazeta de Notícias* imediatamente após tê-lo enviado para o respectivo periódico. Afinal, entre o momento de leitura do artigo original, sua tradução e o envio para publicação transcorreram apenas trinta dias. Não se trata, por conseguinte, de um novato, até mesmo porque, três dias depois, o mesmo texto surgirá estampado na capa de outro jornal do interior do estado do Rio de Janeiro, a saber: em *A República* (Cf. ERASMO, 1893c).

---

<sup>9</sup> Cf. BOURDEAU, Jean. *Le socialisme allemand et le nihilisme russe*. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1892.

---

\*\*\*

Ora, é a partir das próprias páginas da *Gazeta de Notícias* que podemos levantar uma hipótese sobre quem seria “Julio Erasmo”. Pouco menos de três meses após a publicação do texto sobre Nietzsche, surge nesse jornal um artigo intitulado “Habeas-Corpus”, cujo autor identifica-se por meio do pseudônimo “Erasmo”. Nesse artigo, tal autor elogia a atitude de Ruy Barbosa, “valente paladino de todas as liberdades públicas” que na qualidade de advogado recorreu ao “Supremo Tribunal Federal” em defesa de alguns presos civis, os quais representam “todas as vítimas da mal disfarçada ditadura que nos esmaga com seu guante de ferro”, sendo que ele convoca todos aqueles que “sentem no peito a chama sacrossanta do imaculado patriotismo” para assistirem a “sessão solene” que aconteceria na semana seguinte e julgaria “uma das causas mais notáveis dos malfadados tempos que correm”, sessão na qual estaria “de um lado o mais sagrado dos direitos do homem, a sua liberdade, e do outro a vontade de um homem, que, elevado por um verdadeiro capricho do destino à posição mais alta do país, arvorou-se em tirano do povo” (ERASMO, 1893a). Texto que denota uma oposição radical aos perseguidos políticos durante o governo de Floriano Peixoto, o autor que assinava sob o pseudônimo de “Erasmo” era bastante conhecido no meio jornalístico da época, visto que ele mesmo passara a sofrer perseguição política desde o momento em que Deodoro da Fonseca fora deposto do poder.

Mas quem era “Erasmo”? É o próprio autor do pseudônimo quem, dois anos antes, vem à público para revelar seu verdadeiro nome num jornal do Rio de Janeiro para o qual escrevia com certa regularidade: “Não tenho a honra de ser redator de *O Paiz*; sou simples escritor da *Crônica Política* semanal, com responsabilidade individual, sob o pseudônimo de *Erasmus*. A este trabalho limita-se a minha ação e intervenção nesse importante órgão. Março de 1891. José Avelino” (AVELINO, 1891, p.3). Amplamente conhecido apenas por seu prenome, é no momento de seu falecimento, dez anos mais tarde, que seu nome completo, sua biografia e traços de seu caráter são lembrados, particularmente nos jornais do Rio de Janeiro:

Uma hemorragia cerebral [...] deixou ontem vagos, às 5h da tarde, os lugares distintos ocupados na imprensa e no Congresso pelo dr. José Avelino Gurgel do Amaral, deputado pelo Ceará, seu Estado natal, bacharel em direito, e mais tarde doutor pela Faculdade do Recife [...] colaborador da maior parte das grandes folhas diárias que no Brasil têm sido publicadas.

Era esta, precisamente, a feição mais brilhante do talento do dr. José Avelino. A sua organização mental, vibrando num ceticismo irônico; a sua imaginação sempre pronta [...]; a sua evidente tendência, toda estética, toda artística, a preferir a forma ao fundo [...] o som e o ritmo à realidade objetiva dos conceitos; a rapidez vertiginosa e a *virtuosidade*, sem igual, com que abordava os assuntos mais variados, tratando-os com a mesma graça e o

mesmo encanto, tudo isto o predestinava para as funções editoriais em um jornal *boulevardier* como o *Figaro*, ao lado de um *Villemessant* inteligente e prático. Porque o dr. José Avelino era um espírito todo parisiense, de uma ductilidade extrema [...] (JORNAL DO BRASIL, 1901, p.2).

[...] faleceu, ontem, o Dr. José Avelino Gurgel do Amaral, ilustre deputado pelo Estado do Ceará e um dos nossos mais notáveis homens de letras [...]. No jornalismo era a política o seu assunto predileto. As suas crônicas, de um estilo terso, animado e correto, encantavam o leitor pela dose medida de um humorismo gracioso [...]. Não raro manejava a sátira, antes fina que ferina [...]. O jornalismo tinha para ele um encanto, uma atração irresistíveis; e foi sempre a imprensa a preocupação do seu espírito culto [...]. Político, advogado, magistrado, literato e jornalista, – brilhante e superior, em todos os ramos do entendimento humano em que se exerceu o seu espírito privilegiado [...] sua perda [...] é igualmente dolorosa para o jornalismo [...] (A NOTÍCIA, 1901, p.2).

José Avelino era o político por excelência e jornalista de fina tempera. Nascido em 1843, formado em ciências sociais e jurídicas pela Faculdade do Recife, o moço cearense estabeleceu-se no Rio de Janeiro, e dedicou-se de alma e corpo à luta política; foi advogado, foi professor; mas, nunca deixou de ser, um jornalista, e um jornalista político [...]. No Rio de Janeiro [...] fundou os jornais *Diário do Comércio* e o *Constituinte*. Foi eleito deputado em várias legislaturas durante o império. Fez parte do Congresso constituinte no governo provisório [...] (DON QUIXOTE, 1901, p.3).

No que diz respeito à sua formação, cabe notar que José Avelino Gurgel do Amaral obteve o título de Bacharel em Direito na Faculdade de Direito do Recife em 1864, mesmo lugar em que posteriormente se tornariam bacharéis Tobias Barreto (em 1869) e Silvio Romero (em 1873), sendo, portanto, contemporâneo dos mesmos, pelo menos até o momento de defender sua tese para obter o grau de doutor em 1872 na mesma instituição (Cf. SOUZA, 2022, pp.36, 56 e 58). Nesse sentido, alguns anos antes de seu falecimento, Sacramento Blake registrou em seu *Dicionário Bibliográfico Brasileiro* informações sobre a biografia, a atividade política e a produção bibliográfica de José Avelino, que principia justamente pela elaboração de uma *Dissertação* e pela defesa de *Teses* “para obter o grau de doutor, apresentada à Faculdade de Direito do Recife. Recife, 1872” (a primeira com treze páginas e a segunda com doze), seguida de um “Discurso por ocasião de receber o grau de doutor, apresentada, etc. Recife, 1872, 12 p. in-8º” (BLAKE, 1898, pp. 326-327). Em relação à sua trajetória política e intelectual, cabe destacar alguns aspectos importantes registrados em fontes recentes, pois elas fornecerão subsídios para explorar a hipótese de que ele possa ser o autor do texto “O neo-cinismo”.

Primeiramente a confirmação de que o pseudônimo “Erasmus” de fato pertencia a José Avelino Gurgel do Amaral (Cf. COUTINHO; SOUSA, 2011, p. 639); em seguida, outros esclarecimentos e aportes ligados à sua biografia:

*José Avelino Gurgel do Amaral* nasceu em Aracati (CE) no dia 10 de novembro de 1843 [...] ingressou na Faculdade de Direito do Recife, pela qual se bacharelou em 1864. Tornou-se doutor em 1872 defendendo a tese intitulada “A acessão será um modo natural de aquisição” [...].

Com o advento da República, foi eleito deputado constituinte em setembro de 1890 [...]. Esteve ao lado do marechal Deodoro da Fonseca quando este fechou o Congresso em 3 de novembro de 1891. Por ter sido um dos signatários do “Manifesto” em favor da medida adotada pelo marechal, com a queda de Deodoro em 23 de novembro, teve que morar algum tempo na Europa [...].

Escreveu em vários jornais [...]. Foi condecorado com as comendas de cavaleiro da Legião de Honra, da França, e cavaleiro da Legião de Santo André, da Rússia (MORAES apud ALVES DE ABREU, 2015).

A partir do conjunto das informações trazidas até aqui, quando retornamos aos jornais da época é possível então constatar, do ponto de vista cronológico, que:

- 1) Em abril de 1890 foi “honrado com a Legião de honra o dr. José Avelino Gurgel do Amaral pelo presidente da República Francesa, por serviços que prestou à exposição universal de Paris” (GAZETA DO SUL, 1890);
- 2) Em dezembro de 1891, praticamente um mês após Floriano Peixoto assumir a presidência da República, o jornal em que José Avelino atuava como redator-chefe informava, em longa notícia: “Partiu ontem para a Europa [...] o Sr. Dr. José Avelino, um dos mais notáveis membros do Congresso Legislativo” para “tratar de sua saúde, um pouco combalida pelo excesso de trabalho intelectual”, continente no qual ele talvez permanecesse por um tempo maior na cidade de “Lisboa, onde pretende publicar algumas obras a respeito da política contemporânea e dos interesses materiais e morais do Brasil” (DIÁRIO DO COMMERCIO, 1891);
- 3) O interesse de José Avelino era também circular por outros países europeus, pois, conforme escreveu um correspondente em Lisboa do *Diário do Comércio*: “Acha-se nesta Capital o distinto publicista e deputado do Congresso Nacional do Brasil, o Sr. José Avelino Gurgel do Amaral [...]. O ilustrado compatriota pretende demorar-se em Lisboa até fins de fevereiro e daqui seguir em viagem de instrução e recreio para Espanha, França, Áustria, Alemanha, Inglaterra, etc.” (NEVES, 1892, p.3);
- 4) Em junho de 1892 ele permanecia na Europa, visto que solicitou subsídios ao governo brasileiro para lá se manter e tratar de sua saúde, pedido que foi discutido em sessão realizada no Congresso Nacional (Cf. CONGRESSO NACIONAL, 1892, pp.58-61), sendo posteriormente divulgado na imprensa que a Câmara dos Deputados “nega a licença ao deputado José Avelino, atualmente em Paris” (O PAIZ, 1892b);

- 5) Ele retorna para o Brasil no final de novembro de 1892;<sup>10</sup>
- 6) Logo ao retornar para nosso país, uma nota no editorial do *Jornal do Comércio* indica que José Avelino ajudava a traduzir determinados conteúdos de jornais franceses;<sup>11</sup>
- 7) José Avelino se encontrava no Brasil no mês de maio de 1893, pois estava presente na reunião de uma Companhia de Seguros, da qual era o presidente, em sessão realizada no Rio de Janeiro<sup>12</sup>; sua esposa e filhos, ao que tudo indica, permaneceram mais alguns meses na Europa.<sup>13</sup>

A partir de tais informações não é preciso refletir muito para perceber que José Avelino tinha domínio da língua francesa e mantinha contato com os jornais publicados na França, sendo que certamente se interessava bastante pelo *Journal des Débats – Politiques et Littéraires* (ou seja, um jornal que fazia justamente a confluência dos temas que ocupavam suas reflexões). Nesse sentido, é possível que ele tenha tido contato com os dois exemplares nos quais estavam os artigos de Jean Bourdeau (dos jornais que chegavam do estrangeiro o número de periódicos franceses era o mais volumoso e com melhor circulação, sendo enviados com regularidade em certos dias do mês para o Brasil, conforme permitido por um Acordo Comercial firmado na França em 1860) (Cf. GUIMARÃES, 2019, pp.1-23). Em última análise, é possível que ele tenha tomado contato com o jornal francês seja porque fazia sua assinatura (lembramos que ele mantinha uma relação particular com a cultura francesa, a exemplo do reconhecimento que teve por parte da *Ordre National de la Légion d'Honneur*), seja no Congresso Nacional ou nas redações dos jornais que frequentava, ou mesmo recebendo exemplares avulsos pelo correio enviados pelos familiares que estavam na Europa.

Mas, para além de ter domínio da língua francesa e acesso ao jornal publicado em Paris, quais seriam os outros indícios de que tal “Erasmão” seria o autor de “O néo-cinismo”? Na medida em que analisamos a seleção e os recortes feitos pelo autor brasileiro a partir do texto original, pode-se constatar que existe um

<sup>10</sup> No Rio de Janeiro jornais anunciam seu retorno e desembarque: “Está a bordo do *Portugal* e deve desembarcar amanhã o Dr. José Avelino, deputado do Congresso Nacional” (“Sinistros no ar”, *O Paiz*, RJ, 23/11/1892, capa); “Entre os passageiros do vapor *Portugal*, entrado ontem da Europa, notamos os seguintes: [...] Dr. José Avelino” (“Várias notícias”, *Jornal Do Commercio*, RJ, 24/11/1892, p. 2).

<sup>11</sup> Consta no editorial: “Respeitável amigo nos escreve perguntando se com efeito entendemos que o Dr. Pisa deveria ceder o seu lugar em Paris ao Dr. José Avelino, pois que traduzimos ontem um pedaço do *Nouveau Monde* com essa recomendação” (“Várias notícias”, *Jornal do Commercio*, 26/11/1892, p. 2).

<sup>12</sup> Cf. “Companhia de Seguros Mútuos Contrafogo Americana. Ata da Assembleia geral ordinária em 22 de Maio de 1893”, *Jornal do Brasil*, RJ, 27/06/1893, p. 4.

<sup>13</sup> Cf. “Da Europa”, *Diário de Pernambuco*, PE, 05/09/1893, p. 2. O jornal informava que a senhora Eulália de Barros Gurgel do Amaral chegou em setembro a bordo do “paquete Magdalena, da Real Mala Inglesa” diretamente em Pernambuco, de modo a visitar seu pai, o “Barão de Nazareth”.

particular interesse em temas políticos, haja visto o conteúdo do quinto e do nono parágrafos (sendo que no parágrafo quinto, como já observamos, ele substitui a palavra “lebre” por “lobos”):

Tudo quanto no mundo se há feito de grande e belo, é devido aos homens de exceção, aos *nobres*; tudo que existe baixo, servil, incompleto e feio, provém das democracias, quando o número abafa a preeminência e os lobos governam os leões.

[...]

Concentra-se o ideal de Nietzsche em Cesar, gênio organizador por excelência. Napoleão dá exemplo edificante do quanto as massas populares adoram quem as subjuguem e calque aos pés (ERASMO, 1893b).

Ora, na qualidade de um deputado que teve de exilar-se na Europa durante um ano, ao trazer em seu texto a referência de que nas democracias “os Lobos governam os Leões”, não estaria ele manejando “a sátira, antes fina que ferina” para criticar àqueles que passaram a persegui-lo politicamente logo nos primórdios da jovem República? E não é também de modo satírico que ele faz comparecer em sua tradução os nomes de Júlio César e Napoleão, ou seja, dois nomes históricos que, por razões diversas, acabaram por rebelar-se contra aqueles que governavam Repúblicas? E, nesse caso, teria o autor do artigo de algum modo criado uma identificação com o político e escritor romano, visto que assinou o texto com o pseudônimo *Júlio Erasmo*?

Mas se a hipótese do recorte político não for convincente, o que dizer do recorte literário? Afinal, para alguém que recebeu condecorações da França e da Rússia, a seleção e tradução/adaptação do seguinte trecho encontraria em parte eco em suas preferências letradas:

Il met au premier rang les écrivains qui ont vu des hommes vivants et on su les peindre tels qu'ils les voyaient, Machiavel, La Rochefoucauld, l'abbé Galiani, Stendhal, Dostoiewski, et au dernier rang les philosophes, les savants théoriques, ses bêtes noires. Quand nous l'entendons traiter Spinoza d'empoisonneur, Kant de tartufe, Darwin de tête médiocre, nous ouvrons de grands yeux (BOURDEAU, 1893b).

Os seus ideais – Maquiavel, La Rochefoucauld, padre Galiani, Stendhal, Dostoiévski. Os filósofos só têm servido para o atraso da humanidade. Spinoza, mero envenenador, Kant um tartufo. Darwin inteligência bem medíocre (ERASMO, 1893b).

É importante também destacar no referido trecho que, enquanto no original em francês o autor busca mostrar que Nietzsche colocaria em “primeiro lugar os escritores” e em “último lugar os filósofos”, o tradutor em língua portuguesa constrói em seu texto a frase: “Os filósofos só têm servido para o atraso da

humanidade”. De todo o modo, tanto no original quanto na tradução, vê-se que a crítica de Nietzsche estaria direcionada não somente para parte da filosofia alemã, mas também para um autor inglês. Levando isso em conta, ao lermos o artigo “O neo-cinismo” publicado no Rio de Janeiro em maio de 1893, não há indícios suficientes para deduzir que ele seja uma “reação aos germanistas da Escola do Recife”.<sup>14</sup>

Em primeiro lugar, porque o tradutor do artigo (seja ele quem for) demonstra, desde a frase inicial de seu texto, que está interessado em divulgar um fenômeno recente no debate da filosofia alemã: “Bem curiosas as tendências filosóficas de algumas escolas alemãs que estão surgindo, e agora se acentuando” (ERASMO, 1893b). Em segundo, pelo fato de que, em nenhum momento de seu texto, o tradutor apresenta uma crítica em geral à filosofia alemã, mas sim está preocupado em fazer a crítica ao próprio autor alemão que ele visa divulgar no Brasil, tal como escreve ao final do antepenúltimo parágrafo: “[...] as teorias de Nietzsche, sem dúvida espirituosas, mas em suma deletérias, perniciosas e ainda mais, bastante faltas de verdadeira originalidade” (ERASMO, 1893b). E, por fim, quando levamos em conta a hipótese de que José Avelino seja o tradutor, apesar de ter sido contemporâneo de Tobias Barreto e Silvio Romero, não conseguimos localizar nos jornais nenhuma polêmica sua (sob o pseudônimo de Erasmo) com tais representantes da Escola do Recife.

Cabe, por fim, observar que, para todos aqueles que tinham contato com jornais europeus ou mesmo que estiveram na Europa nos anos compreendidos entre 1889 (quando Nietzsche tem seu colapso psíquico) e 1893 (momento em que surgem os dois artigos de Jean Bourdeau), havia, de fato, um interesse cada vez maior em torno do nome e das ideias do filósofo. Não surpreende, assim, que houvesse disposição por parte de letrados em divulgar, no Brasil, acontecimentos recentes no cenário do debate intelectual europeu. E no caso de considerarmos a hipótese de que José Avelino Gurgel do Amaral seja o autor da tradução de trechos do texto original, talvez seu interesse em relação ao pensador que enlouqueceu devido “à exageração de trabalho mental” tenha surgido no momento em que leu no artigo de Jean Bourdeau que Nietzsche, com vinte e quatro anos, tornou-se professor de “filologia na Universidade da Basileia”. Nesse caso, para alguém que

---

<sup>14</sup> Essa opinião pode ser encontrada em pelo menos dois textos acerca de “O neo-cinismo”. Primeiramente num artigo: “[...] é justamente em reação aos germanistas que aparece o primeiro artigo inteiramente dedicado a uma análise da filosofia de Nietzsche no Brasil, publicado em 1893, por Julio Erasmo, no diário carioca *Gazeta de Notícias*” (DIAS, 2015, p. 91); posteriormente, num estudo de doutorado: “[...] em maio de 1893, aparece um texto inteiramente dedicado a uma análise da filosofia de Nietzsche, um dos primeiros então publicados no Brasil, divulgado no diário carioca a *Gazeta de Notícias*, assinado por Julio Erasmo. O autor se opõe decididamente às inovações dos germanistas da Escola do Recife” (DIAS, 2019, p. 31).

assinava diversos de seus artigos com o pseudônimo “Erasmus”, tratava-se de uma cidade conhecida, visto que o autor de *O elogio da Loucura* nela residiu durante vários anos, vindo ali a falecer e ser sepultado no ano de 1536.

\*\*\*

Se no caso do texto “O neo-cinismo” levantamos uma hipótese sobre quem poderia ser o autor que assinou sob o pseudônimo de “Julio Erasmus”, em relação ao artigo publicado na capa do *Jornal do Comércio* no início de setembro de 1896, é importante explorarmos determinados vestígios que ajudem a decifrar (ou a problematizar) a identidade do “Dr. Ernst”. Nesse sentido, iniciemos pelo conteúdo de sua crônica “Carta da Alemanha – 31 de Julho de 1896”, cujo texto divide-se em duas partes: a primeira sob a forma de um resumo dos acontecimentos recentes na Alemanha acerca dos quais o autor discorre;<sup>15</sup> a segunda intitulada: “A filosofia na moda: Frederic Nietzsche”. Ao lermos o artigo, algo que chama imediatamente a atenção é a seguinte informação:

O filósofo do dia chama-se Frederico Nietzsche. Não é um desconhecido vosso; muitas vezes o tenho citado nestas cartas. É impossível falar-se na Alemanha contemporânea sem citar Nietzsche (ERNST, 1896).

De fato, desde o momento em que o “Dr. Ernst” surge como correspondente estrangeiro no *Jornal do Commercio* com a coluna inicialmente intitulada “A vida alemã”, ou seja, em janeiro de 1895, ele mencionara o filósofo. Já em seu primeiro artigo, cujo intento é o de traçar uma visão de conjunto sobre a Alemanha, em particular de seus aspectos políticos e culturais, ele havia notado a influência de Friedrich Nietzsche em relação aos novos literatos alemães:

[...] os nossos jovens artistas, apesar da pretensão que têm de nada dever a ninguém, não deixaram de frequentar a escola de alguns espíritos poderosos, conservando traços do seu ensino. Zola, os Goncourt, Ibsen, Tolstói, Nietzsche foram os educadores da nova geração de romancistas e autores dramáticos da Alemanha [...]. A renovação do drama e do romance moderno na Alemanha não é somente devida a influências estrangeiras. Tem grande parte no seu desenvolvimento a filosofia de Nietzsche [...] (ERNST, 1895a).

Modificando em seguida o título de sua coluna de “A vida alemã” para “Carta da Alemanha” (ERNST, 1895b), o “Dr. Ernst” somente desenvolverá suas reflexões

---

<sup>15</sup> Nesta primeira parte consta o seguinte resumo: “O mês: Política externa – Últimas notícias, parlamentares – Manifestações femininas contra o código civil. – Teatros: a propósito de uma opera nova. Em Bayreuth” (Cf. *Jornal do Commercio*, RJ, 04/09/1896, capa).

sobre a filosofia de Nietzsche no ano seguinte. Nesse ínterim, conforme revela em sua crônica, ele se dedicou à leitura de um “filósofo alemão, Sr. Luiz Stein, cujo estudo notável sobre Nietzsche” ele utiliza em suas reflexões (ERNST, 1896). Debruçou-se, assim, sobre a abordagem do filósofo, sociólogo e jornalista Ludwig Stein (nascido na Hungria em 1859), que já na qualidade de professor de filosofia na Universidade de Berna (Suíça), publicara no final do ano de 1893 a obra *Friedrich Nietzsche's Weltanschauung und ihre Gefahren* (Berlin: Verlag Georg Reimer, 1893). Livro cujo primeiro capítulo inicia com a frase “O neo-cinismo de Nietzsche parece querer se tornar o slogan filosófico da moda” (STEIN, 1893, p.1), no qual o autor busca reconstruir ao longo de mais de cem páginas a “visão de mundo” do pensador alemão para apontar seus “perigos”, cujo conteúdo foi também objeto de uma resenha publicada na França sob o título: “Stein Louis, ‘Frédéric Nietzsche: l’homme et l’écrivain’” (*Revue Bleue*, tome 52, 9 décembre 1893, pp. 748-751). De outra parte, além de se dedicar à leitura de um intérprete, nas linhas finais de seu texto o “Dr. Ernst” também revela: “Foi do último trabalho de Nietzsche, que é um dos mais brilhantes, *O Anticristo*, publicado há apenas algumas semanas, que extraímos as citações desta crônica” (ERNST, 1896). Nesse caso, é provável que ele tivesse adquirido a segunda edição dessa obra de Nietzsche, publicada em 1896.<sup>16</sup>

Tais leituras constituem, portanto, a base para elaboração da “crônica” sobre Nietzsche elaborada em julho de 1896. Iniciando-a pela afirmação de que a “Alemanha é sem contestação o principal centro científico do mundo”, ele busca reconstruir o modo como os alemães foram apropriando-se das ciências produzidas em outros países até atingirem tal status no século XIX, destacando também que, ao longo dos séculos anteriores, o pensamento científico contribuiu para o surgimento de filósofos como Leibniz, Kant e Hegel. Todavia, para ele, durante os últimos cinquenta anos nada mais foi produzido de importante pela filosofia alemã e, ao contrário, a geração dos “filósofos poetas” abandonou o pensamento científico e passou a especular em hipóteses desprovidas de realidade. Em seguida, ao iniciar a abordagem de Nietzsche, o “filósofo do dia” que exerce uma grande influência nos jovens alemães, o “Dr. Ernst” preocupa-se em mostrar que o mesmo “não é profundo”, mas tão somente “um poeta de brilhantes imagens, um estilista brilhante”; que ele “só tem desprezo pelo que é terrestre. Só

---

<sup>16</sup> A primeira edição de *O Anticristo*, estabelecida por Fritz Koegel, ficou pronta para impressão no ano de 1894, sendo publicada somente em 1895 num volume que reunia três obras tardias do filósofo e alguns de seus poemas (Cf. *Nietzsche's Werke. Erste Abtheilung. Band VIII. Der Fall Wagner. Götzen-Dämmerung. Nietzsche contra Wagner. Der Antichrist. – Gedichte* [Hrsggb. von Fritz Koegel]. Leipzig: Druck und Verlag von C.G. Naumann, 1895; seite 213-313). Uma segunda edição da mesma obra foi publicada no ano seguinte, com o seguinte registro: “4. Aufl. des *Fall Wagner* und der *Götzen-Dämmerung*, 2. Aufl. von *Nietzsche contra Wagner*, des *Antichrist* und der *Gedichte*” (Leipzig: Naumann, 1896).

o homem o interessa”, algo que atestaria que “Nietzsche não é, pois, um metafísico”. Seguindo a abordagem de Stein, ele pontua então que tal pensador estaria vinculado “à escola dos Hedonistas” e “à escola dos cínicos”, bem como discorre sobre algumas de suas “teorias”, em particular sobre temas que se encontram na *Genealogia da moral*. Do mesmo modo, parafraseia e cita certas passagens que ele traduz de *O anticristo*, para depois lamentar que tanto na Alemanha quanto na França as obras de Nietzsche sejam objeto de culto. Para ele, no entanto, os leitores do filósofo são “jovens decadentes, fracos e tristes”, assim como os socialistas que “inscreveram o nome de Nietzsche em sua bandeira”. E, por fim, traça um rápido perfil biográfico de Nietzsche, indicando que ele vivia sob os cuidados da irmã, que dedicava seu tempo para a “publicação de suas obras completas” (ERNST, 1896). Texto que comportava um juízo depreciativo do pensamento filosófico de Nietzsche, o “Dr. Ernst” dava por liquidado o tema em sua coluna “Carta da Alemanha” – mantida no *Jornal do Commercio* entre os anos de 1895 e 1901.<sup>17</sup>

\*\*\*

Mas que pistas seguir para tentar decifrar a identidade do “Dr. Ernst”? A nosso ver, é necessário retroagir até uma coluna inaugurada no mesmo *Jornal do Comércio* no ano de 1891, cujo título é “Ecos da Alemanha – A vida em Berlim”, assinada sob o pseudônimo de Ruy Xavier. Nela, no primeiro artigo escrito em “Berlim, 20 de janeiro de 1891”, vamos encontrar o autor iniciando uma espécie de diário de impressões destinado a “contar aos dois ou três leitores pacientes, que passam diante da prosa deste desconhecido, o que se passa no grande país alemão” (ERNST, 1895a). Recolhido em seu gabinete de trabalho durante o inverno europeu, ele então percorre suas memórias de viagens à Índia, Espanha e França, bem como de sua vida em Portugal, sendo que nessas recordações deixa dois indícios vinculados à sua identidade. O primeiro, acerca do amigo que o levou a tornar-se correspondente do periódico publicado no Rio de Janeiro. Nesse sentido, relata que em sua última viagem à França ele encontrara-se naquele inverno com “Iriel, o

---

<sup>17</sup> A coluna “Carta da Alemanha”, até onde conseguimos investigar, consta nas seguintes edições do *Jornal do Commercio* (as modificações no título indicaremos entre colchetes): [A vida alemã], 27/01/1895; [Carta da Alemanha (Segunda parte)], 09/06/1895; 20/10/1895; 17/01/1896; 12/04/1896; 01/05/1896; 12/07/1896; 04/09/1896; 12/11/1896; 08/02/1897; 05/03/1897; 08/03/1897; 02/04/1897; 07/06/1897; 30/07/1897; 04/08/1897; 28/10/1897; 03/11/1897; 11/12/1897; 31/12/1897; 04/02/1898; 11/02/1898; 08/05/1898; 03/06/1898; 07/06/1898; 04/07/1898; 06/07/1898; 29/07/1898; 04/07/1898; 11/08/1898; [Ao Polo Antártico], 01/02/1899; 16/07/1899; 21/08/1899; 04/10/1899; 12/10/1899; 14/11/1899; 05/12/1899; 20/12/1899; 22/03/1900; 10/11/1900; 25/12/1900; 19/01/1901; 20/04/1901; 21/07/1901.

brilhante cronista do *Jornal do Commercio* a quem não largo mais durante a minha curta estada em Paris”,<sup>18</sup> amigo que ele conhece “dos bons tempos da mocidade de Lisboa”. O segundo, quando, ao tematizar sua dificuldade em descrever a vida em Berlim, ele faz um elogio àqueles que escreveram “guias de viagem”, recomendando-os ao leitor visto que, em face de tais livros, até “do próprio interior da África já há pouco a dizer” (ERNST, 1895a).

Ora, tal referência à África nesse primeiro artigo, como viemos a descobrir, não surge ao acaso, mas sim porque está vinculada à identidade do autor que utilizava o pseudônimo de “Ruy Xavier”, o qual continuará a publicar sua coluna “Ecos da Alemanha” com certa regularidade no *Jornal do Comércio* entre os anos de 1891 e 1894.<sup>19</sup> Sendo de origem portuguesa, certas informações a seu respeito surgem quando consultamos um jornal editado em Lisboa, de novembro de 1894:

Acaba de publicar-se e está à venda em todas as livrarias a tradução portuguesa do famoso romance de Zola, *Lourdes* [...]. O pseudônimo Ruy Xavier, que firma o magnífico trabalho da versão de tão difícil obra, se é propriedade d'um notável escritor que atualmente se acha dirigindo na África Oriental a importante Companhia de Moçambique [...].<sup>20</sup>

Ao investigarmos quem seria o “notável escritor” que atuaria em solo africano, é possível então encontrar uma notícia (veiculada no mesmo jornal brasileiro no qual “Ruy Xavier” publicara seus artigos) acerca de um decreto que passara a regular as “moedas metálicas com curso legal em toda a província de Moçambique”, datado de maio de 1897, sobre o qual o correspondente português pontua ao final de seu texto: “Releva dizer que o Sr. Meirelles do Canto, governador da Companhia de Moçambique, estabeleceu igual regime nos territórios que lhe são sujeitos” (Cf. “Exterior – Portugal”, *Jornal do Commercio*, 08/07/1897, p. 3). Tal “governador” é, na verdade, um alto funcionário administrativo de Portugal, cujo perfil biográfico é publicado em 1902, em livro editado pela mesma casa editorial em que ele havia impresso sua tradução de Émile Zola, aqui sintetizado:

---

<sup>18</sup> Iriel era o pseudônimo do jornalista, poeta, crítico literário, tradutor e diplomata português Jaime Amorim Sieuve de Séguier (1860-1932).

<sup>19</sup> A coluna “Ecos da Alemanha” pode ser encontrada, por exemplo, nas seguintes edições do *Jornal do Commercio*: 22/02/1891; 09/08/1891; 14/11/1891; 17/11/1891; 19/11/1891; 02/12/1891; 06/12/1891; 07/12/1891; 02/01/1892; 10/04/1892; 24/04/1892; 11/09/1892; 18/09/1892; 24/10/1892; 01/06/1893; 11/06/1893; 21/01/1894.

<sup>20</sup> Em tal notícia pode-se também constatar que existe um segundo tradutor do livro, um “oficial da marinha portuguesa”, cujo nome não é divulgado, assim como a seguinte informação: “A tradução portuguesa forma um nítido volume de 588 páginas [...]. É seu editor o Sr. José Bastos, sucessor da Casa Bertrand” (“*Lourdes*”, *Correio da Manhã*, Lisboa, 22/11/1894, p. 2). Tais informações são importantes, pois atualmente é uma obra rara, cuja existência é descrita como: “*Lourdes*, tradução de Ruy Xavier, Lisboa: Jose Bastos, 1894” (Cf. FERREIRA DA SILVA, 1999, p. 38).

Francisco de Menezes Meirelles do Canto e Castro [...] nasceu na Ilha Terceira [dos Açores] em 21 de novembro de 1850 [...]. Antigo aluno da Escola Politécnica [...] desde muito moço ocupou lugar distinto na plêiade de jornalistas [...]. Breve, porém, o tentou a África [...] [onde a partir de 1875 foi sucessivamente] empregado superior de fazenda, diretor da alfândega principal de Moçambique [...]. Foi o sr. Visconde de Meirelles o escolhido [para atuar como diplomata na Índia] em 2 de outubro de 1882 [...]. Em 1891 foi o sr. Visconde de Meirelles enviado à Alemanha, como cônsul geral [...]. Homem de letras, diplomata, administrador, falando as línguas estrangeiras como se fossem a sua própria [...] em 20 de Maio de 1892 era nomeado secretário geral em Lisboa da Companhia de Moçambique [...]. Regressou o sr. Visconde de Meirelles à Europa em fins de 1894 [...]. Restituído ao serviço diplomático de que havia muito andava afastado, foi em 9 de Maio de 1902 o visconde de Meirelles colocado na Legação de Berlim na qualidade de Adido especial, encarregado dos negócios comerciais. (Cf. “Viscondes de Meirelles”. In: *Álbum Açoriano*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand – José Bastos & Cia., 1903, p. 418-422).

Retornando para a Alemanha em 1902 já na qualidade de Visconde de Meirelles, ele publica novamente nas páginas do *Jornal do Comércio* no início de 1903 o texto “Ecos da Alemanha – A vida em Berlim”, novamente sob o pseudônimo de Ruy Xavier, coluna cujo título será alterado depois para “Comércio Internacional. Berlim” e que terá continuidade esparsa entre os anos de 1906 e 1912.<sup>21</sup> Sua identidade vem a ser também confirmada pelos próprios editores do referido periódico no Rio de Janeiro quando, ao fazerem um balanço de todos aqueles que contribuíam regularmente com textos para publicação, informam que, dentre os “colaboradores e auxiliares do *Jornal do Commercio* durante estes oitenta anos de sua publicação” estava “Ruy Xavier (Meirelles do Canto)” (“O *Jornal do Comércio* (1827-1907)”, *Jornal do Commercio*, RJ, 01/10/1907, p. 2), informação que volta a surgir em outro periódico brasileiro quando de seu falecimento: “Faleceu em Portugal o visconde de Meirelles, que durante alguns anos colaborou no *Jornal do Commercio* [...] com o pseudônimo de Ruy Xavier” (“Falecimentos”, 10/04/1915, *O Paiz*, RJ, p. 5).

Mas como saber se Francisco de Menezes Meirelles do Canto e Castro (1850-1915) colaborou no mesmo jornal sob o pseudônimo de “Dr. Ernst”? Dos anos em que Meirelles do Canto esteve na Alemanha temos raras informações, a não ser que em janeiro de 1892 ele estava no “funeral do ministro de Portugal em Berlim” (“A Geral”, *O Paiz*, RJ, 28/01/1892, p. 2). Pelas informações biográficas disponíveis, sabemos que, depois de ser nomeado para atuar na Companhia de Moçambique em

<sup>21</sup> Em nossa pesquisa conseguimos localizar os seguintes artigos no *Jornal do Commercio*: “Echos da Alemanha – A vida em Berlim”, 27/02/1903. Posteriormente sob o título: “Comércio internacional. Berlim”, em: 23/11/1906; 31/03/1907; 13/09/1909. Bem como nas páginas do *Jornal do Commercio*, Edição da tarde em: 10/12/1909; 14/02/1910; 11/09/1910; 08/10/1910; 21/11/1910; 17/07/1911; 13/01/1912; 30/03/1912.

maio de 1892, ele só retornou para a Europa em fins de 1894, algo que ajuda a explicar porque a maior parte dos artigos que dele encontramos sob o pseudônimo de Ruy Xavier na coluna “Ecos da Alemanha – A vida em Berlim” datam de 1891, tornando-se mais esparsos entre 1892 e 1894 (fato que em última análise indica que, embora ele não estivesse vivendo na Alemanha, continuava escrevendo sobre ela). Não seria então difícil concluir que, se os textos de “Ruy Xavier” desaparecem em 1894 e surgem no mesmo jornal crônicas do “Dr. Ernst” a partir de janeiro de 1895, o autor dos textos era Meirelles do Canto. No entanto, algo nesse primeiro texto do “Dr. Ernst” oferece nova dificuldade para o leitor. Afinal, ele se apresenta como se fosse um alemão que, após anos no estrangeiro, tivesse retornado para sua terra natal:

Começo esta carta ouvindo o toque dos sinos, dos grandes sinos lentos e graves da velha catedral [...]. Passeei pelas ruas estreitas, cheias de altas casas de pinhão talhado da velha cidade, onde desfrutei toda a minha mocidade e onde erro agora como um desconhecido [...]. Quem não viveu muito tempo na Alemanha não compreende o que vai de encanto íntimo nestas palavras: véspera de Natal; em alemão: *Weihnachten*, a noite consagrada. Nesta noite todos os alemães se rodeiam, tanto quanto podem, de crianças, porque é a festas das crianças. Nessa noite todos os solitários se concentram e vivem dos pensamentos de sua mocidade (ERNST, 1895a).

Do mesmo modo, nas dezenas de crônicas escritas pelo “Dr. Ernst” entre 1895 e 1901, é possível também constatar que ele mantém sua narrativa como se pertencente ao povo alemão, embora sejam raras as vezes em que fale de si. Tal economia sobre aspectos de sua biografia, no entanto, ganham contraste pelas sucessivas vezes em que, em sua coluna “Carta da Alemanha”, ele menciona ter sobre sua mesa de trabalho muitas revistas e jornais alemães, os quais procura analisar, de modo a fazer uma síntese dos acontecimentos tanto políticos quanto literários e artísticos. De outra parte, em sua suposta viagem ao “Polo Antártico” em 1899, em artigo no qual afirma estar acompanhando uma expedição oficial alemã, o que ganha destaque é seu profundo conhecimento da África – tema que ocupa grande parte da sua narrativa de viagem. Levando em conta tais aspectos, cabe então lembrar que em seu texto sobre Nietzsche publicado em 1896, o “Dr. Ernst” faz uma crítica a determinados exploradores do continente africano, julgando que eles se assemelham aos jovens que seguem à filosofia de Nietzsche:

Eis as teorias e as vistas que Nietzsche destilou em muitos grandes volumes, que são hoje os livros sagrados de uma parte da mocidade [...]. Todos estes jovens decadentes, fracos e tristes, julgam-se, em sonho, os senhores, os fortes e desejam pôr o pé na nuca da humanidade escrava. Esperando poder fazê-lo por cá, fazem-no às vezes na África. Não me admiraria que os Srs. Leist e Wehlm fossem adeptos de Nietzsche. Em todo caso, o seu modo de proceder está conforme com a doutrina do mestre (ERNST, 1896).

A começar pela relação de Meirelles do Canto com a África, diversos são os indícios de que o “Dr. Ernst” possa ter sido um pseudônimo por ele criado para manter suas reflexões sobre a Alemanha durante os anos em que oficialmente nela não se encontrava (afinal, como observamos, esta teria sido uma prática sua durante determinado período quando usava o pseudônimo de Ruy Xavier). Em primeiro lugar, portanto, em relação à cronologia da coluna com notícias sobre a Alemanha no *Jornal do Comércio*, ou seja: nos anos de 1891 a 1894; em seguida, de 1895 a 1901 e, por fim, entre 1903 e 1912. Em segundo lugar, pelo título da coluna: em 1891 nomeada como “Ecos da Alemanha – A vida em Berlim”; em 1895 inicialmente como “A vida alemã” para em seguida assumir o título definitivo de “Carta da Alemanha”, sendo que vários textos indicam como local a cidade de Berlim; e que em 1903 vamos encontrar sob o nome “Ecos da Alemanha – A vida em Berlim”. Em quarto lugar, algo que diz respeito ao domínio da língua portuguesa (pois em nenhum momento encontramos informação de que tais cartas eram traduzidas para nosso vernáculo): quem poderia ter assumido o lugar de “Ruy Xavier”, o “correspondente estrangeiro” que enviava cartas desde a Alemanha, dominando de tal modo a língua portuguesa? E, por fim, talvez o mais importante: a questão do estilo do “correspondente estrangeiro”, que a nosso ver, é muito semelhante nos três períodos das cartas enviadas desde a Alemanha. Nesse último caso, a identidade do autor poderia ser confirmada (ou não) por meio de um estudo comparativo entre tais cartas – algo que ultrapassa em muito os esforços da presente investigação.<sup>22</sup>

### Referências bibliográficas

ÁLBUM AÇORIANO. Viscondes de Meirelles. **Álbum Açoriano**. Lisboa: Antiga Casa Bertrand – José Bastos & Cia., 1903, p. 418–422.

A NOTÍCIA. Dr. José Avelino, **A notícia**, RJ, 20–21/07/1901, p. 2.

AVELINO, José. Redação d'O Paiz, **O Paiz**, RJ, 12/03/1891, p. 3.

BARRETO, Tobias. Nem filósofo nem crítico, **A Província – Órgão do Partido Liberal**, PE, Recife, 10/03/1876, p. 2–3.

---

<sup>22</sup> A nosso ver, o conjunto das “Cartas da Alemanha” publicadas no *Jornal do Comércio* entre os anos de 1891 e 1912 (sob diferentes títulos, como indicamos nas notas) apresenta uma riqueza temática que mereceria ser objeto de estudos históricos. Embora não nos seja possível realizar tal estudo, deixamos aqui registrada nossa homenagem, no presente ano de 2024, aos duzentos anos da colonização alemã no Brasil.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. José Avelino. **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**, quarto volume. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898, p. 326-327.

BARROSO, Antonio Vinícius Lomeu Teixeira. Um Nietzsche à brasileira: intelectuais receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940). **Revista de Teoria da História**, Ano 5, n. 9, Julho de 2013, p. 178-196.

BARROSO, Antonio Vinícius Lomeu Teixeira. Um alemão devorado por tupiniquins: a recepção do pensamento nietzschiano no Brasil. **Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e Práticas Científicas**. Rio de Janeiro: ANPUH-RIO, 2014.

BOURDEAU, Jean. **Le socialisme allemand et le nihilisme russe**. Paris: Félix Alcan Éditeur, 1892.

BOURDEAU, Jean. Nouvelles modes en philosophie: Max Stirner et Frédéric Nietzsche, **Journal des Débats – Politiques et Littéraires**, Paris, 16/03/1893, p.1-2 (1893a).

BOURDEAU, Jean. Nouvelles modes en philosophie: le néo-cynisme aristocratique – Frédéric Nietzsche, **Journal des Débats – Politiques et Littéraires**, Paris, 20/04/1893, p. 1-2 (1893b).

BOURDEAU, Jean. Frédéric Nietzsche: la religion de la force. In: BOURDEAU, J. **Les maitres de la pensée contemporaine**. Paris: Félix Alcan – Editeur, 1904, p. 108-146.

CONGRESSO NACIONAL. **Annaes da Camara dos Deputados**. Segunda Sessão da Primeira Legislatura. Volume II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892.

CORREIO DA MANHÃ. Lourdes, **Correio da Manhã**, Lisboa, 22/11/1894, p. 2.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, José Galante. **Enciclopédia de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Academia Brasileira de Letras, 2001, v. 1.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Da Europa, *Diário de Pernambuco*, PE, 05/09/1893, p. 2.

DIÁRIO DO COMMERCIO. Dr. José Avelino, **Diário do Comercio**, RJ, 12/12/1891, capa.

DIAS, Geraldo. Entre renovadores e reacionários: a recepção estética e política da obra de Nietzsche na imprensa brasileira no período de 1893 a 1945. **Cadernos Nietzsche**, n. 36, v. 1, Junho de 2015, p. 85-102.

---

DÍAS, Geraldo. **A recepção de Nietzsche no Brasil: renovação e conservadorismo**. Tese de Doutorado sob orientação de Ivo da Silva Jr. São Paulo: UNIFESP, 2019.

DON QUIXOTE. Os mortos ilustres, **Don Quixote**, RJ, 27/07/1901, p. 3.

ERASMO. Habeas-Corpus, **Gazeta de Notícias**, RJ, 07/08/1893, p. 2 (1893a).

ERASMO, Julio. O néo-cynismo, **Gazeta de Notícias**, RJ, 20/05/1893, capa (1893b).

ERASMO, Julio. O néo-cynismo, **A República**, RJ, Campos, 23/05/1893, capa (1893c).

ERASMO, Julio. O neo-cinismo. Transcrição de Geraldo Dias. In: **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 36, n. 1, 2015, p. 103-106.

ERNST, Dr. A vida allemã, **Jornal do Commercio**, RJ, 27/01/1895, capa (1895a).

ERNST, Dr. Carta da Alemanha (Segunda Parte), **Jornal do Commercio**, RJ, 09/06/1895, capa (1895b).

ERNST, Dr. Carta da Alemanha – 31 de Julho de 1896 [...]. II – A Filosofia na moda: Frederic Nietzsche, **Jornal do Commercio**, RJ, 04/09/1896, capa.

FERREIRA DA SILVA, Eduardo César. **A obra de Émile Zola no Brasil: textos e notas para um estudo de recepção crítica**. Dissertação de Mestrado em Letras. Florianópolis: UFSC, 1999.

GAZETA DO SUL. Colaboração, **Gazeta do Sul**, SC, Desterro, 17/04/1890, capa.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. A imprensa francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. In: GUIMARÃES, V. S.; PINSON, G.; COOPER-RICHET, D. (Orgs.). *Dossiê A Imprensa Francófona nas Américas nos séculos XIX e XX*, **História** (São Paulo), v. 38, 2019, p. 1-23.

HEINE, Heinrich. **Mémoires de Henri Heine**. Traduction de J. Bourdeau. Paris: Calmann Lévy Éditeur, 1884.

JORNAL DO BRASIL. Companhia de Seguros Mútuos Contrafogo Americana. Ata da Assembleia geral ordinária em 22 de Maio de 1893, **Jornal do Brasil**, RJ, 27/06/1893, p. 4.

JORNAL DO BRASIL. Dr. José Avelino, **Jornal do Brasil**, RJ, 20/07/1901, p. 2.

JORNAL DO COMMERCIO. Várias notícias, **Jornal do Commercio**, RJ, 24/11/1892, p. 2.

JORNAL DO COMMERCIO. Várias notícias, **Jornal do Commercio**, RJ, 26/11/1892, p. 2.

JORNAL DO COMMERCIO. Exterior – Portugal, **Jornal do Commercio**, RJ, 08/07/1897, p. 3

JORNAL DO COMMERCIO. O Jornal do Comércio (1827-1907), **Jornal do Commercio**, RJ, 01/10/1907, p. 2.

MORAES, Kleiton de Souza. Avelino, José. In: ALVES DE ABREU, Alzira. **Dicionário Histórico-Biográfico da Primeira República: 1889-1930**. FGV/Editora CPDOC, 2015.

NEVES, Mesquita. Portugal, **Diário do Commercio**, RJ, 23/01/1892, p. 3.

NIETZSCHE, F. **Nietzsche's Werke**. Erste Abtheilung. Band VIII. *Der Fall Wagner. Götzen-Dämmerung. Nietzsche contra Wagner. Der Antichrist. – Gedichte* [Hrsggb. von Fritz Koegel]. Leipzig: Druck und Verlag von C.G. Naumann, 1895.

NIETZSCHE, F. **Nietzsche's Werke**. Band VIII. 4. Aufl. des *Fall Wagner* und der *Götzen-Dämmerung*, 2. Aufl. von *Nietzsche contra Wagner*, des *Antichrist* und der *Gedichte*. Leipzig: Naumann, 1896.

NIETZSCHE, F. **Sämtliche Briefe**. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/New York: Walter de Gruyter & Co., 1986. 8 Bänden.

O PAIZ. A Geral, **O Paiz**, RJ, 28/01/1892, p. 2 (1892a).

O PAIZ. Câmara dos Deputados, **O Paiz**, RJ, 09/06/1892, capa (1892b).

O PAIZ. Sinistros no ar, **O Paiz**, RJ, 23/11/1892, capa (1892c).

O PAIZ. Falecimentos, **O Paiz**, RJ, 10/04/1915, p. 5.

PANTUZZI, T. L. **A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola de Recife**. Dissertação de Mestrado sob orientação de Scarlett Marton. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

PANTUZZI, T. L. **Recepção e Antropofagia: Nietzsche na Escola de Recife**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade Federal de São Paulo, 2023.

REVUE BLEUE. Stein Louis, 'Frédéric Nietzsche: l'homme et l'écrivain', **Revue Bleue**, tome 52, 9 décembre 1893, p. 748-751.

---

SCHELLWIEN, Robert. **Max Stirner und Friedrich Nietzsche**. Leipzig: H. Haaeke, 1892.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Pensées, maximes et fragments**. Traduit, annoté et précédé d'une vie de Schopenhauer par J. Bourdeau. Paris: Librairie Germer-Baillière, 1880.

STEIN, Ludwig. **Friedrich Nietzsche's Weltanschauung und ihre Gefahren**. Berlin: Verlag Georg Reimer, 1893.

STIRNER, Max. **Der Einzige und sein Eigentum**. Leipzig: Verlag von Otto Wigand, 1845.

SOUZA, Elivandra. **Livros de Registro de Diplomas de Bacharéis custodiados pelo Arquivo da FDR [1858-1881]**. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Jurídicas, Arquivo da Faculdade de Direito do Recife. Recife: [Recurso Online], 2022.

---

Recebido: 17/06/2024  
Aprovado: 04/07/2024

Received: 17/06/2024  
Approved: 04/07/2024